



CENTRO DE CULTURA SOCIAL

EDIÇÃO COMEMORATIVA 70 ANOS

Rua Dr. Vila Nova nº 81, 4º andar, sala 41-Vila Buarque. Caixa Postal 2066 SP/SP CEP 01060-970
Fone: 0xx11.3362-0663 e-mail: ccssp@uol.com.br

Escrever a memória do Centro de Cultura Social e de seus membros é um trabalho de geração. Fundado em 14 de Janeiro de 1933, ele é resultante de uma tradição anarquista que remonta aos inícios do século XX com uma intensa atividade anarco-sindicalista na cidade de São Paulo. No início do século passado, o sindicato fora o grande baluarte das lutas e reivindicações operárias de influência anarquista; houveram outras frentes de batalha dos libertários, como o anti-clericalismo e o anti-militarismo, mas quase sempre foram conduzidas tendo à frente o sindicato operário como força de mobilização para a prática revolucionária. Por outro lado, os antecedentes históricos do anarco-sindicalismo brasileiro são encontrados na fundação da Associação Internacional de Trabalhadores, conhecida como 1ª Internacional, no dia 28 de setembro de 1864, durante o *meeting* de St. Martin's Hall, em Londres. É daquela associação cujas práticas foram primeiramente a expressão das concepções do anarquista P.-J. Proudhon, que foram radicalizadas depois por Bakunin e afogada em sangue pelos canhões de Thiers durante o massacre da Comuna de Paris, para ser novamente reerguida, agora já sem a nefasta presença da ala marxista, pela militância dos jovens anarco-comunistas P. Kropotkin, E. Reclus e E. Malatesta; é aquela associação que dará ao anarquismo sua primeira expressão de movimento social, inicialmente vindo no sindicato o grupo essencial, o órgão específico da luta de classes e o núcleo re-organizador da sociedade futura: a emancipação operária se daria pela prática revolucionária na luta solidária dos operários contra os patrões, buscando a organização e a crescente federação dos sindicatos. Assim, os anarquistas defendiam a neutralidade sindical com o objetivo de ressaltar o que havia de essencial no sindicalismo revolucionário: a organização e a ação direta do operário. O sindicato era o meio de "estar entre as massas" e, ao invés de impor-lhes um programa, devia-se incitar o operário a agir por ele mesmo, cultivar nele a consciência do antagonismo de classe e a necessidade da luta coletiva. Agora, outra questão se impunha: se por um lado o sindicato não pode e não deve ser declarado artificialmente anarquista, por outro é preciso evitar o que os anarquistas chamaram de "automatismo sindical", que tende a atribuir virtudes intrínsecas ao sindicalismo, virtudes que conduziriam "automaticamente" e "fatalmente" há uma transformação da sociedade. Sustentam os anarquistas que "o fato e a ação só valem enquanto produzem a idéia, enquanto são refletidos, enquanto criam um pensamento diretor" (N. VASCO), daí o risco das conquistas sindicais resultarem estéreis do ponto de vista do projeto revolucionário. Contrapondo-se a esta situação, o sindicato era concebido como instrumento de preparação do terreno para receber a semente lançada pela propaganda revolucionária; sem a propaganda, comenta Neno Vasco: *as massas, embora associadas, não saberiam interpretar os fatos, nem aproveitar as circunstâncias, lendo, pelo contrário, as lições da experiência no sentido mais grato à sua preguiça e a sua inércia* (N. VASCO). É aqui que a luta econômica liga-se a uma ética e uma estética anarquista que ultrapassa o limitado e sufocante cotidiano fabril: novos lugares são inventados e um novo cotidiano é dado ao indivíduo na forma de bibliotecas, conferências, concertos, piqueniques, espetáculos filo-dramáticos e musicais, realizados pelos sindicatos ou por outras associações por eles criadas como o **Centro de Cultura Social de São Paulo**. São lugares cujo objetivo é fazer o operário encontrar, nas palavras de Neno Vasco: *o conforto convidativo da luz, do ar e da arte [antípodas do ambiente fabril], eilo definitivamente roubado às consolações dúbias do botequim e das ilusórias fustigações do álcool [...] A música, o teatro, a arte declamatória, enchendo os merecidos ócios do trabalhador, enriquecendo-lhe o cérebro, burilando-lhe o sentimento!* (N. VASCO). Com este objetivo, as práticas de centros de cultura e grupos filo-dramáticos foram privilegiadas; já no II Congresso Estadual Operário de São Paulo, em 1908, é aprovada a

CENTRO DE CULTURA SOCIAL, 1933-2003: 70 anos de resistência anarquista

resolução que aconselha aos sindicatos a fundação de centros dramáticos sociais e de sessões onde se entretenham os sócios em palestras amigáveis (M.T. VARGAS). Edgar Rodrigues conta como a representação da peça anticlerical *Electra*, em Sábado de Aleluia escandalizou a sociedade paulista no ano de 1901, assim como no ano de 1902 o jornal *O Amigo do Povo* noticiou a representação, interrompida pela polícia, da peça *Primo Maggio* de Pietro Gori (E. RODRIGUES).

Remanescente daquela atividade "anarco-sindicalista" e assim como os sindicatos o CCS é uma organização pública do movimento anarquista destinada a estudar e debater os problemas sociais tendo por objetivo "promover nos meios populares, principalmente entre os trabalhadores, onde as possibilidades de cultura são limitadas por toda sorte de empecilhos, o estudo de uma nova ordem de coisas baseadas em princípios de justiça e de equidades sociais, que facultem a cada indivíduo e à coletividade, o gozo de uma situação de liberdade e bem estar, resultado do esforço comum e a que todos fazem jus" (Estatutos). Nele as tradições anarquistas foram transmitidas de geração em geração. Edgar Leuenroth, Pedro Catallo, Florentino de Carvalho, entre outros, que lutaram ao lado da primeira geração de imigrantes anarquistas em São Paulo, formaram a geração seguinte dos Cuberos, do Oliva, do Lucca, entre outros. A trajetória deste centro de tradição anarquista pode ser dividida em três fases: a primeira vai da sua fundação em 1933 até o seu fechamento pela ditadura getulista em 1937 e diz respeito à sua forte atuação, junto com a FOSP, nas lutas antifascistas que culminaram no enfrentamento e n t r e anarquistas e integralistas na praça da Sé; a segunda refere-se ao período que vai da sua reabertura em 1945 até seu n o v o fechamento em 1969, após a promulgação do Ato Constitucional de nº 5; e a terceira fase diz respeito às atividades desenvolvidas após a abertura democrática em 1985 até hoje.



CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Conferência

Hoje, à noite, no salão da RUA QUINTINO BOCAIUVA, 80, o camarada Florentino de Carvalho iniciará a sua anunciada série de 4 conferências, versando a primeira sobre o tema: — REVOLUÇÃO SOCIAL.

Nesta conferência o camarada Florentino fará uma definição do SOCIALISMO, suas origens, concepção materialista da História, Essência religiosa dos postulados da social democracia, etc. — ENTRADA FRANCA.

Primeira Fase: 1933-1937.

Com o refluxo do movimento operário provocado, ao nosso ver, pela tripla conjugação repressão-trabalhismo-comunismo as energias libertárias serão direcionadas para outros focos de militância que não o sindicato propriamente dito. É preciso lembrar que esses focos sempre existiram como invenções culturais libertárias tendo o sindicato como grande baluarte de suas lutas, o que vai ocorrer neste período será a retomada destas práticas mais ou menos à margem do sindicato e, ao mesmo tempo, uma problematização do sindicalismo revolucionário como forma de resistência anarquista. Neste sentido, será uma prática corrente a associação de indivíduos afins que, à margem dos sindicatos, atuarão como seu complemento no objetivo de "preparar militantes, esclarecer e educar o proletariado na sua finalidade revolucionária". O elemento novo está: i) no apelo que já não é aos "operários em geral" para que se associem por categoria profissional, mas ao indivíduo consciente e afim; ii) e na preocupação em fixar um número máximo de membros, no máximo 15 pessoas: não se tratará, doravante, de "conclamar as massas", mas formar "grupos minoritários" de militância.

=>continuação...

Certamente se apelará as "massas" em circunstâncias determinadas, porém é preciso perceber que se assistiu muito recentemente (1932) a sua adesão a levantes bastante alheios a seus interesses. Passou-se a questionar as possibilidades efetivamente revolucionárias do sindicato como órgão transformador da sociedade e, frente ao desânimo da luta sindical, uma forma de resistência anarquista foram os chamados "grupos por afinidade". Essas organizações anarquistas, chamadas genericamente de grupo por afinidade, cumprem uma dupla tarefa: são, por um lado, a prefiguração da sociedade



Centro de Cultura Social

Sede Social: Quintino Bocayuva, 80

Grande Conferencia-Meeting Anti - Integralista

AOS AMIGOS DA LIBERDADE!

O Centro de Cultura Social, entidade que congrega alguns elementos estudiosos da questão social, convoca os Trabalhadores, Estudantes, Intelectuais, Democratas sinceros e Liberais convictos, para a grande

Conferencia-Meeting Anti-Integralista

a realizar-se no DIA 14 DO CORRENTE, às 20,30 horas (8 horas e meia da noite), no SALÃO CELSO GARCIA, à rua do Carmo, 25.

Alguns oradores pertencentes às diversas correntes anti-fascistas estudarão e dissecarão esse fenómeno de patologia social.

Que todos os anti-fascistas saibam compreender o perigo dum possível domínio do fascismo integralista e compareçam em massa a este acto anunciando-o o mais amplamente possível.

Todos à Conferencia-Meeting do Centro de Cultura Social

Contra o fascismo! Pela liberdade ampla e insofismavel!

S. Paulo Novembro / 1933

A COMISSÃO EXECUTIVA

ácrata e neste sentido as suas práticas são um exercício antecipado do projeto anarquista no seu amplo sentido político-econômico-administrativo; e são também os núcleos catalisadores das energias individuais dentro de uma relação recíproca de indivíduo a grupo. Sob esse último aspecto, esses grupos são fundados dentro de interesses peculiares e o relacionamento entre seus associados é muito intenso; sendo o grupo por afinidade, o fundamental "é que cada um ache o ambiente que lhe convenha, que cada um possa trabalhar segundo suas idéias e seu temperamento, e encontre na associação, não um limite a sua liberdade, se não o modo de fazer mais eficaz sua atuação, mais verdadeira sua liberdade" (E. Malatesta). O grupo favorece o exercício da liberdade e do poder individuais. O indivíduo é levado a intensificar as relações consigo mesmo e exerce-las na associação num movimento recíproco. O grupo é o meio pelo qual essa "cultura de si" torna-se uma prática social que dá lugar a relações e trocas: "Deploramos que haja, ainda entre nós, quem não pense com a própria cabeça e espere a opinião de fulano ou beltrano, quando a lógica das idéias professadas deveria bastar para decidi-lo; e reconhecemos o perigo sempre presente dos maus pastores. [...] quanto mais há companheiros desorganizados e isolados, mais prepondera a influência do orador e do periodista e, não achando resistência nem observação eficaz na coletividade, pode degenerar em autoridade efetiva e nefasta. No fim de contas, a base de tudo é sempre a consciência do indivíduo, de cada indivíduo; e esta consciência tanto mais se desenvolve e se eleva quanto mais são os contatos, as discussões, as coisas feitas em comum" (E. Malatesta).

Tornar o indivíduo chefe de si mesmo, faze-lo adquirir responsabilidade moral e formar nele consciência oposta a dos rebanhos obedientes às palavras

de ordem, eis as práticas das quais resultaram a problematização do sindicalismo. As organizações anarquistas tornaram-se sensíveis a questão da ética e nesta direção convergiram seus esforços para sua realização. Este é um dos signos desta década de 1930 e nele também se insere não apenas a própria fundação do Centro de Cultura Social, mas como toda sua atividade. Sediado no mesmo local que a Federação Operária de São Paulo, na Rua Quintino Bocayuva nº 80, a sua primeira atividade é realizada, em 01/02/1933, pela conferência intitulada "O perigo Espiritual" por Antonio Picarolo, "com o salão apinhado de gente por ouvir", o conferencista "desenvolveu este seu tema em linguagem muito simples e com exemplos singelos, demonstrando que desviar as coisas reais e positivas da Terra em troca de hipotéticas, fantásticas e mentirosas promessas de além-campa colocada nas nuvens e de cuja existência ninguém pode dar notícia, era uma grande tolice" (A Plebe, nº 12, 04/02/1933). Em seguida o Centro chama para um ato público marcado para 11/02/1933 contra o "vergonhoso Tratado de Latrão", "dando prosseguimento ao seu programa de ilustrar os trabalhadores sobre a significação deste ato e das suas funestas conseqüências", onde falaram Bixio Picciotti, Florentino de Carvalho e Francisco Cianci. Em 18/02/1933, A Plebe informa a realização da conferência "Da escola à sociedade" pelo garçom Souza Passos.

Após ter-se atirado na luta antifascista, da qual resultou o enfrentamento entre anarquistas e integralistas no episódio conhecido como "A batalha da Praça da Sé", o Centro de Cultura Social passa a fazer uma intensa denúncia contra os ecos da Lei de Segurança Nacional, a "Lei Monstro", "lei liberticida". E apesar de suas denúncias, a lei é sancionada pela Câmara em 27/03/1935, causando um descontentamento geral; a Aliança Nacional Libertadora conspira e em 27/11/1935, alguns revolucionários tomam o quartel no Rio de Janeiro; o levante, conhecido como a "Intentona Comunista", é derrotado sob o comando do chefe da polícia Filinto Muller e com o consentimento de Getúlio Vargas, do Exército e das bancadas governistas de São Paulo; o estado de sítio aparece logo após a revolta de novembro de 1935: sindicatos são fechados, operários são presos, a imprensa é amordaçada e o número de mortos é assustador. Concedido inicialmente pelo prazo de 30 dias, o estado de sítio é prorrogado por mais 90, agora com autorização para equipará-lo a estado de guerra, que durará até junho de 1937; toda oposição é calada com a implantação da ditadura em novembro desse mesmo ano.

Segunda Fase: 1945-1969.

A Plebe ressurgiu em 01/05/1947, após a queda de Getúlio Vargas em 1945; "juntando os cacos velhos, os destroços deixados pelo tufo reacionário, para começarmos a construção do edifício que abrigava e continuará a abrigar um sonho de liberdade e fraternidade humanas" ("Voltando a Luta", A Plebe, nº 1, 01/05/1947). Nesta sua nova fase, dirigida pelo seu então fundador Edgar Leuenroth, já se nota uma nova geração de articulistas: Lucca Gabriel e Liberto Lemos Reis. O Centro de Cultura Social será retomado em 09 de julho de 1945 onde, "à rua José Bonifácio nº 387, sábado, realizou-se uma assembléia geral de pessoas que fizeram parte do Centro de Cultura Social, fundado em 12 [sic] de Janeiro de 1933, e que, em virtude de várias circunstâncias, interrompera a sua atividade" (Estatutos, 1945).

Nesta altura, um grupo de jovens anarquistas surgia na vila Bertioiga sob a influência de Florentino de Carvalho; segundo Pedro Catallo, Florentino "fundou várias escolas, era esse o seu meio de vida, algumas com nome de "Escola Moderna", de uma dessas escolas, alguns alunos resultaram excelentes companheiros, como: Liberto Lemos, Jaime e Francisco Cuberos, e outros que nunca mais os vi" (P.CATALLO). Esse grupo de jovens passa a frequentar as atividades do Centro de Cultura Social e se tornarão, durante a década de 1960, seus maiores articuladores.

A Plebe, retomando o Centro, anuncia suas finalidades dizendo que o Centro de Cultura Social: "[...] é uma organização cultural há muitos anos incorporada à vida pública de São Paulo [...]. Tendo por ponto de partida a liberdade, traçou seu desenvolvimento neste postulado e em prol dele, e trabalha pelo máximo desenvolvimento intelectual e moral de seus cooperadores. Todos quantos se interessarem por uma cultura que conduza a formação de uma nova personalidade, livre de atavismos religiosos, da intolerância, característica das mentalidades autoritárias e das baixas preocupações da política, podem pertencer ao seu quadro social. [...] Todos os espíritos inquietos, homens e mulheres estudiosos, quem deseje investigar e saber, quantos sintam a nobre

=>continuação...

vocação de instruir-se e dignificar-se por uma cultura ampla e sadia, têm no C.C.S. sua casa onde são recolhidos com fraternal afeto" ("Centro de Cultura Social: suas finalidades e sobre o que vem desenvolvendo", A Plebe, nº 16, 02/06/1948). Atitude dos anarquistas nessa época direciona-se, sobretudo, no enunciado do primeiro número de A Plebe: "juntar os destroços deixados pelo tufão reacionário". É desta forma que os festivais do Centro de Cultura Social, onde se apresentam as peças teatrais anarquistas e números variados de entretenimentos, são avaliados como louváveis iniciativas "que muito concorrem para a aproximação de famílias que a ele comparecem com verdadeiro prazer".

Mas será no ano de 1966 onde Catallo escreverá entusiasmado ao seu amigo carioca Ideal Peres que: "Aqui eclodiu um furioso entusiasmo pela iniciativa que tomaram os irmãos Cuberos e o Valdir, de transformar o Centro de Cultura Social num teatro de arena". Em 15 de junho de 1966 era inaugurado na sede do Centro de Cultura Social o "Laboratório de Ensaio", numa "noite brilhante. Foi abundantemente colorida pela presença de moças e moços, mais moças que moços, que não sei de onde saíram. Fiquei entusiasmado pelo esforço que estão fazendo meia dúzia de

Festival Artístico do Centro de Cultura Social

No próximo dia 18, sábado, realizar-se-á no salão do Gremio Dramático Hispano Americano, à rua do Gazometro, 738, um grandioso festival artístico, que constará, além de um seleta ato variado, da representação, pelo Grupo Dramático do Centro de Cultura Social, pela primeira vez, do emocionante drama de fundo crítico e de renovação moral, intitulado: — "Uma mulher diferente", original do nosso companheiro Pedro Catalo.

Esta peça, que é uma contribuição para a emancipação da mulher, terá a seguinte distribuição, por ordem de entrada:

MENINO (dattilógrafo) — Zesinho Dias Valverde
 RICARDO (rico industrial) — Benedito Romano
 GREGORIO (seu empregado) — Orlando Felipelli
 ELENA (ex-funcionária de Ricardo) — Nena Valverde
 LUDOVICO (professor de música) — Guido Mezzetti
 Padre ANDRE' — Cecílio Dias Lopes
 VALERIANA (doméstica) — Maria Valverde Dias
 TOMÁS (pai de Elena) — Emilio Martín
 SENHORA RICA — Esmeralda Bárrios
 SUA FILHA — Maria Bonifácio
 1.ª MENINA — Germanina Salguero
 2.ª MENINA — Nair Arrebolo
 ENFERMEIRA — Esmeralda Bárrios
 PORTEIRO — Francisco Cuberos
 MÉDICO — Libertio Salguero
 PONTO, Hermano Mezzetti; contra-regras, Cecílio Dias Lopes e Libertio Salguero, direção geral a cargo de Emilio Martín.
 Os numerosos musicistas adaptados a esta peça estão a cargo de Ignex Trujilhano, ao piano, e, ao violino, Rubens Trujilhano.

VARIEDADES

Neste ato participarão as seguintes meninas: Dorinha Dias Valverde, Germanina Salguero, Dorinha Salguero, Nêide Arrebolo, Zesinho Dias Valverde, Rubens Trujilhano, violinista; Manoel Trujilhano, ao violão, e a animação do jovem bandoneonista Germinal Trujilhano.

companheiros aos quais é preciso dar-lhes todo nosso calor[...] O Chiquinho Cuberos me incumbiu de lembrar você, no que tange ao esforço que eles estão fazendo, disse que os gastos foram muitos e se do Rio viesse alguma coisa seria muito oportuna e muito bem recebida. Escreva a ele quando puder, é preciso que esses moços não se desencorajem. O Centro de Cultura estava praticamente sem vida e essas iniciativas dos rapazes estão provocando uma freqüência que se houvesse aqui dois companheiros iguais a você, poderíamos ganhar bons e novos adeptos [...] (correspondência à Ideal Peres: 24/05/1966).

O Centro de Cultura Social terá um revigoramento sem precedentes com as atividades do Laboratório de Ensaio. Jaime Cubero dirá que esse foi o período mais fértil deste Centro; o Laboratório de Ensaio foi a resistência anarquista contra a ditadura na própria ditadura. É preciso mencionar, a esse respeito, a badalada peça de Waldyr Kopezsky, "Os Guerreiros", que tentava, ironicamente sem sucesso, fazer de um general um ser humano.

O Laboratório era um grupo de bancários, publicitários, operários e estudantes, que escolheram a arte como forma e o teatro como linguagem: "[...] O Laboratório foi criado para dirigir-se a juventude, para estimular os

artistas jovens e tentar reuni-los. As nossas portas estão abertas para a juventude que tenha aspiração de liberdade, que tenha ânimo de busca e consinta em dialogar. [...] A outra finalidade é a de estudo, a de não pretender fazer um espetáculo, mas um ensaio, uma experiência: de através do diálogo, atingir uma linguagem capaz de fazer com que a arte, sem deixar de ser arte, lute também, cumprindo seu papel de soldado nestes tempos... filhos do absurdo" ("Nós", arquivo do CCS). "[...] Diletantismo idiota", já nos vieram dizer alguns desses que chegam de braços cruzados, que olham de braços cruzados, que torcem o nariz de braços cruzados e se vão de braços cruzados. Não é diletantismo idiota, é a tentativa de fazer germinar uma consciência cultural e artística de um povo; é abrir as portas da experiência para a juventude, para que ela não se sinta brecada em seu primeiro impulso, pelo pernóstico aparato do teatro e da arte "séria", que torna a seus olhos, senão impossível, distante e remota a sua chance de uma experiência e a deixa frustrar, quando tantas vezes poderia evoluir e se realizar e realizar assim a passagem de nossa arte adolescente para adulta. [...] Venha ao Laboratório" ("Quem somos nós", arquivo do CCS).

Os efeitos funestos do Ato Institucional nº 5, promulgado em dezembro de 1968, fizeram-se sentir; fechado o Congresso e suspensa as garantias de *habeas corpus*, todas as vozes progressistas foram caladas: "Nós tínhamos uma edição pronta [de O Dealbar], 1000 exemplares para mandar. Eu fui a casa do Pedro Catalo, que era o editor e disse para ele não mandar o jornal porque a bruxa tava solta. Vão recolher isso aí e vão ficar com tanto endereço para prender gente que é melhor segurar. Levei o jornal e mostrei que a lei tinha sido assinada no dia anterior. Ele aceitou bem. E aí foi uma coincidência... O dono do prédio que nós alugávamos estava pedindo um aumento grande no aluguel [...]. Quando veio o Ato nº 5 e o homem pediu o aumento, eu disse ao Pedro: "Nós estamos nessa situação, acho que esta na hora de paramos com o Centro". Para ele foi um choque tremendo. A gente amava o Centro, nem pensava naquilo" (Jaime Cubero). E em 1969, Pedro Catalo fazia o seguinte anúncio no jornal: "Perdeu-se no trecho entre as ruas Oriente e Rubino de Oliveira, uma pasta contendo: 1 livro de Atas e um livro de Atas de Presença, além de outros documentos, pertencentes ao Centro de Cultura Social". Alguns meses depois, o Centro de Cultura Social sustava suas atividades.

Terceira Fase: 1985.

Em outubro de 1977 um grupo de jovens estudantes da UFBA dos cursos de Filosofia, Economia, Comunicação e Ciências Sociais, lançavam em Salvador o primeiro número do jornal "O Inimigo do Rei", comunicando como uma das suas finalidades essenciais "levantar críticas, derrubar mitos, quebrar a falsa indestrutibilidade dos dogmas. Colocar em cheque as "verdades" estabelecidas. Não ter medo de mostrar as contradições, mesmo das posições ditas progressistas" (IR, nº1, out./1977). O seu segundo número aparecido em 1978 já trazia uma marca nitidamente anarquista, bem como seu formato sofrerá uma drástica alteração: será agora impresso em tamanho tablóide e em papel jornal (seu primeiro número era impresso em papel sulfite com tamanho ofício); entre os destaques da capa, trazia a frase "Nãc podemos matar as idéias a tiros de canhão, nem tão pouco algemá-las" da anarquista Louise Michel; ainda este número trazia dois longos artigos, um sobre o "maio de 1968" francês e o outro sobre a "História das esquerdas no Brasil"; esse último criticando ferozmente o recém e bastante suspeito livro de Foster Dulles, por conter "erros gritantes" e "imensas falhas". No quarto número adquire como cores de capa o preto e o vermelho, e trará uma longa matéria e entrevista com Juan Gomez Casas, secretário da CNT em Madri, intitulada "O Sindicalismo Anarquista na Espanha"; como também começa a aparecer a seção "Biblioteca" divulgando os livros do anarquista e escritor Edgar Rodrigues e do professor Mauricio Tragtenberg; ainda neste número se publica o artigo intitulado "Homossexualismo e Política" onde se coloca a idéia do homossexualismo como "uma possibilidade erótica

=>continuação...

que está em todos os indivíduos" (IR, nº 4, fev.-mar./1979); o artigo ainda denuncia todos os regimes de governo como repressores e perseguidores da prática homossexual, mencionando um "engraçadíssimo psicólogo metido a marxista" que teria afirmado: "o homem é tese, a mulher é antítese e o filho é síntese, logo o homossexualismo é anti-dialético, idealista e, portanto, dever ser curado". A partir do quinto número de abril/maio de 1979, Edgar Rodrigues engrossa a

Não aja como Karl Marx (à esquerda): não leia O Inimigo do Rei de Iabela. Faça como Bakunin: assinie "O Inimigo do Rei" por apenas Cr\$ 220 (1 ano), ou Cr\$ 400 (2 anos). IR, nº 12, set.-out./1980.

de sua autoria o artigo "As multinacionais vermelhas" no qual falava do fanatismo bolchevista na Rússia, onde "a massa faminta e marginalizada acredita que algum dia, não muito distante, serão livres em terra livre. E, tal como os católicos que acreditam que a Bíblia contém tudo sobre as suas salvaçãoes, sem nuca a ter lido, os crentes bolchevistas também têm a "certeza" de que naqueles três grossos volumes de "O Capital" que nunca leram está escrito tudo sobre a libertação do proletariado, a "raça" eleita pelo profeta judeu, o camarada Karl Marx". Sua progressão para o anarquismo caminha em passos rápidos, e O Inimigo do Rei se tomará o porta voz do anarquismo baiano, carioca, paulista e gaúcho; a partir do seu número sete ele passa a ser uma iniciativa desses quatro Estados. Os anos 1970 são marcados pela irrupção de liberdades sufocadas e pelas ruidosas manifestações de movimentos da antipsiquiatria, ecologistas, indigenistas, pacifistas, feministas, de liberação sexual, etc., a contestação da autoridade, no amplo sentido da palavra, é o signo dessa época e se reflete neste jornal; Ricardo Liper, um dos seus articulistas, dirá que: "A única ideologia que responde as questões colocadas e não só responde, mas sempre colocou essas mesmas questões é o anarquismo. [...] Poderíamos dizer que nos anos 70 percebeu-se que chegou a hora do anarquismo. [...] Cada vez mais, esquerda e revolução libertária é sinônimo de anarquismo no mundo inteiro. Estamos assistindo, neste início dos anos 80, um grande enterro. O enterro da autoridade dos magnatas, do político, do padre, do professor, do médico, do cientista, do intelectual, do comunista. Este enterro está sendo sem luto, pois é preciso se enterrar os mortos para que os vivos vivam..." (IR, nº 9, jan.-fev./1980).

Mas o núcleo de O Inimigo do Rei desarticula-se. Anos mais tarde, os anarquistas paulistas reabrem o antigo Centro de Cultura Social. Em 17/04/1985 a revista Isto É anunciava a retomada de um "centro cultural libertário no bairro do Brás": "Antigo bairro popular dos imigrantes italianos, em São Paulo, e reduto dos movimentos operários do início do século, o Brás [...], voltou a abrigar, domingo passado, 14, o combativo Centro de Cultura Social

(CCS), uma das raras organizações anarquistas do país que sobreviveram aos últimos 21 anos. Instalados em duas modestíssimas salas da rua Rubino de Oliveira no mesmo local em que funcionou até 1968 -, o CCS pode agora desfraldar livremente a sua histórica bandeira vermelha e preta" ("Como nos Velhos Tempos", Isto É, 17/04/1985). "Nossa meta, dizia Jaime Cubero agora aos 58 anos, é resgatar e difundir os valores libertários".

Por questões de espaço, as memórias desses últimos quinze anos ficara por ser escrita; o que se pode afirmar de antemão: foram quinze anos de muita intensidade anarquista... (*)

(*) Versão modificada extraída de AVELINO, G.O. "Antologia de Existências e Ética Anarquista". Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 2002.



CENTRO DE CULTURA SOCIAL

70 Anos (1933-2003)

Mesa de Abertura:

22/03/2003:

"Centro de Cultura Social: uma invenção anarquista"

Participantes:
José C. Morel (CCS);
Edson Passetti (PUC-SP);
Margareth Rago (UNICAMP);
Renato Ramos (CELIP-RJ).

Mesa:

29/03/2003:
"Cultura & Liberdade"

Participantes:
Antonio Valverde (PUC-SP);
Doris Acyoli & Silva (USP).

Mesa:

05/04/2003:
"Cultura & Resistência"

Participantes:
Evaldo Amaro Vieira (USP);
Cuberos Neto (CCS).

Encerramento:

12/04/2003:
Leitura Dramática:

"Bella Ciao", de Luis Alberto de Abreu

Direção de Alberto Centurião;

Grupo de Teatro

Sempre às 16:00h

Local: biblioteca municipal Monteiro Lobato - Rua General Jardim, 485 - Vila Buarque

Realização: Centro de Cultura Social ccssp@uol.com.br